

ORACÃO
ACADEMICA,
E CONGRATULATORIA

A' felicissima , e desejada entrada do Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor

D. FR. MANOEL
DA CRUZ,

Primeiro Bispo do Bispado de Mariana,

Feita publica , e solemnissimamente na sua Capital a
28. de Novembro de 1748.

Foi Presidente da Academia , e recitou a mesma Oração , como
remate de todos os applausos, que se fizeram a S. Excellencia Reverendissima ,

O M. REVERENDO DOUTOR
JOSE' DE ANDRADE
E MORAES,

*Novamente creado Arcipreste da Cathedral do dito
Bispado.*

Esta função Academica se fez a 10. de Dezembro
do dito anno , e assistirão a ella o dito Excel-
lentissimo, e Reverendissimo Senhor com
toda a Nobreza da mesma Cidade.

ACADEMIA

D. F. ANOEL

D. A. G. R. U. S. O. N. O. S.

O. M. R. E. V. E. R. E. N. D. O. B. O. U. T. O. R.

JOSÉ DE ANDRADE
E. M. O. R. A. E. S.

EXCELL.^{mo} E REVERENDISSIMO

Senhor. Illustres , e litteratissimos Magist-
trados: huns ornamento sagrado da Igreja;
outros brilhante coroa da República. Pre-
claros , humanissimos Hospedes. Nobre ,
sapientissimo Congresso.

Feliz Mariana ,
Amante , triunfante
Na gloria , que tem,
Festiva , e ufana ,
Em plectros , e metros
Se dá o parabem.



STA breve letra , que em ca-
dentes harmonias , e numero-
sas cadencias de Apollo, e Or-
feo repetio com suave modula-
ção o Coro Musico , he a gran-
de alma , que ánima a decan-
tada empreza deste gratulatorio obsequio. Es-
ta felicissima Cidade , a nossa Mariana , mil
vezes venturosa , e mais affortunada que as ur-
banas povoações Marianenses , famigeradas na
Historia , como são: a Marien cabeça de Bil-
pa-

pado na Ilha de Corfega , a Mariemberg de Alemanha na Saxonia alta , a Mariemberg dos Paizes baixos nos confins de Hainaut , e Luxemburgo , a Mariemberg do Reino de Polonia , cabeça da Prussia Real , a Mariemberg de Irlanda , e a Mariana em hum das Ilhas da Asia ; à nossa Mariana (digo) mais feliz , que todas essas Cidades Marianenses , se dão hoje os parabens da excelsa ventura , que goza com a posse pública , e luzida entrada do sempre Excellentissimo , e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel da Cruz , primeiro meritissimo Bispo deste novo Bispado.

Este jubilo , que depois de redundar nos corações acordes , e concordes na causa , e nos effeitos de tanta alegria , tem tocado cordas mais afinadas , que as da cithara de Arion , e as da lyra de Cadmo , para explicar em harmonias o alto conceito de seus prazeres ; este alvoroço , que não cabendo na esfera do peito , chegou a abrir as portas da eloquencia , publicado , mais que em voluntarios periodos da prosa , em numerosos , e medidos preceitos da Poetica , cujos sublimes Authores , se não exceedem , igualão nos seus Rithmos aos Menandros Athenienses , e aos Pindaros Thebanos ;

nos ; este alvoroço pois , este jubilo he o jucundo estymulo , o alegre instrumento , que agora apara as plumas de Cicero , e Demofthenes , para que voe nas azas da centilingue , e tubicinante Deosa por beneficio da Oratoria a fama do excessivo , justo contentamento de Mariana.

Alegra-te sim , ò Mariana illustre : congratula-te , ò Cidade famosa : dá-te os parabens a ti mesmo , ò nobilissimo povo ; pois na desejada possessão , na suspirada companhia do teu sagrado , excelso Principe , só tu conheces a completa felicidade , que te resulta da sua honorifica assistencia. O teu Excellentissimo , e amabilissimo Prelado , ò Mariana , he justo sem os excessos da justiça , he pio sem as frouxidões da piedade , he urbano com inteireza do respeito , he respeitoso com agasalho de affabilidade , he desejado , e temido , he amavel , e magestoso , magnifico sem affectação , munifico sem jaçtancia. He santo , sabio , sóbrio , prudente , ornado , casto , caritativo . Doutor , abstinente , brando , modesto , pacifico , desinteressado , e perfeito pai de familias Euangelico.

Assim queria S. Paulo que fosse o seu Bis-

po Timotheo , e assim logras tu a fortuna de ter , ò Mariana , o teu Preclarissimo primeiro Bispo o Excellentissimo , e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel da Cruz , que Deos profpére. E na invejada posse de tão glorioso Principe , na intuitiva noticia de suas heroicas virtudes , como não has de exultar , e jucundarte , ò Mariana feliz ? Mas , oh ! que a nossa Cidade em públicas , e festivaes demonstrações mostrou triunfante a sua alegria tão superior , como a causa della.

Não vistes , Senhores , o solemnissimo triumpho , com que esta Cidade recebeu em 28. do mez passado ao seu summo Sacerdote ? Pois por certo que não vio Jerusalem nos seus triunfadores Tito , e Vespasiano tanta gloria. Não vio a antiga Roma entre os triunfos de Tarquinio , que foi o primeiro , que logrou este vistoso apparato ; o de Paulo Emilio , que foi de todos o mais solemne , e magnifico , e entre os outros cento e vinte , que diz Paulo Orosio , que se celebrarão naquella Cidade desde a sua fundação até o tempo do mesmo Author. Não vio (digo) tanta magestade , como ostentou a nova Mariana naquelle fausto dia , em que levantou vivas , e preciosissimas
esta-

estatuas , as quaes derão a ler a presente , e futura , perenne felicidade , com que se coroa o seu jubilo neste triunfo. Nos triunfos Romanos precedião os instrumentos bellicos : seguião-se a estes differentes carros com os despojos dos vencidos ; e era só hum o carro triumphal , tirado por quatro cavallos brancos emparelhados , e nelle hia o vencedor triunfante. No pomposo espectáculo Marianense teve o triumphal apparatus outra ordem , para se differenciar dos triunfos militares o da Igreja.

No vistoso triunfo de Mariana precedião trez engraçadas choréas , as quaes , compassando alegrias ao som de harmonicos instrumentos , mostravão que o gosto de receber ao seu Principe sagrado fazia saltar toda a terra de contente. Erão trez os harmoniosos bailes , porque he o numero ternario o mais perfeito , por isso não devião ser menos os tripudios , para se inculcarem os da maior perfeição. Fizerão airozas voltas , para que formando rodas o contentamento , gyrasse o gosto em moto contínuo até se fazer o prazer perpetuo.

A estas alegres danças seguia-se o primeiro carro triumphante tão cheio de primor , e lustre , que o seu Author empenhado , fazem-

do-o andar pelos ares entre nuvens de diafanas safiras, parece que quiz despojar a quarta esfera do carro de Apollo. E não me engano; porque aquelle andante, ou movido folio sustentava a Mitra do Sol, ou o Sol Mithren, como glorioso jeroglyfico do Preclaro Pontifice Marianense. Luzido retrato para tanta gloria! Prodigiosa Metamorfose de luz para os auspicados, brilhantes progressos da nossa Mariana! Tinha esta Cidade no Carmo o timbre das Estrellas para luzir, agora augmenta-se-lhe o esplendor; porque hum Sol mitrado he o que illustra, e coroa a sua grandeza. Sim, que he todo Sol nos luzimentos, e na claridade das virtudes o Excellentissimo Prelado, o sagrado Pastor, que a illumina.

Seguia-se à soberania deste luminoso espectáculo outro alegre, pueril tripudio. Era de meninos o baile, para ser o amor a guia do festejo; pois para se fazer gigante do prazer, nunca passou Cupido da infantil estatura, nem póde deixar o amor de ser sempre menino para se perpetuar o seu gosto. Se já não he que por isso os meninos dançam neste applauso; porque como S. Excellencia Reverendissima he quem anima este alvoroço público, signi-

significação os pueris dançadores, que nunca ha de envelhecer o gosto, antes será perenne a alegria com a assistência de tão illustre Principe. Antecedia, e seguia reproduzido o jubilo nas choréas ao brilhante emblema do nosso Excellentissimo, e Reverendissimo Prelado; porque a alegria he a precursora das suas virtudes amáveis, e as suas heroicas luzidas prendas levão, e arrastrão (mas sem violencia) apôs si os jubilantes corações. Não se mudava este affecto nas voltas do baile, antes as mudanças do tripudio indiciavão a firmeza do contentamento.

Ao saltante Coro da referida aprazível farça se seguião onze magestosas figuras, as quaes subjugavão a outros tantos generosos brutos. Se se pudesse ver o Ceo a cavallo, ver-se-hião as suas onze esferas, que admittem alguns Filosophos, montadas na terra nas onze figuras, que illustrarão o nosso triumpho. Tudo nellas era celeste; o ouro, e a prata, entretecido nas primorosas sedas, que vestião, ou competião com a Via lactea no brilhante, ou com os reflexos do Sol no refulgente. Os diamantes, os rubis, e outras pedras preciosas, de que se ornavaõ, erão emulação das Estrellas, com que
se

se adorna o Firmamento. Toda esta luzida tropa ostentava em finissimas tarjas de prata, e de outras materias, em que se esmerou a arte, onze profundos, e subtis emblemas Episcopaes, os quaes vaticinão as innumeraveis felicidades, que terá esta Diecese com a inestimavel posse de Prelado tão excelso, como he o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel da Cruz. Por isso forão onze os faustos, augurantes enigmas do triumpho.

De doze foi o numero da primeira idea para este alegre espectáculo: faltou huma figura, mas cresceo o mysterio do algarismo nesta falta daquelle primeiro destinado numero; e numero duodenario, como considerão muitos Theologos, he universal, e explica hum tudo, ou hum todo perfeito: erão jeroglyphicos das heroicas virtudes do nosso Marianense Pontifice, e das completas felicidades, que com elle gozamos aquelles Pontificios emblemas. Pois não cheguem a doze, que he numero completo, e universal, sejam sómente onze, que he numero incompleto, e diminuto, para explicar hum todo, ou hum tudo; pois para significar o tudo de perfeições, que tem o nosso inclyto Prelado, e o todo das venturas,

ras, que nelles temos, não ha algarismos, que cheguem, he defeituoso todo o numero.

Se bem que neste defeito de numeros descubro eu o excesso do mesmo algarismo com perfeição, se he que póde caber a perfeição no excesso. Erão onze as vaticinantes Semideosas nos enigmas do Marianense, Episcopal apparatus; e se forão só dez as Sybillas, que augurarão futuras felicidades ao mundo, como affirma Varrão, cresceo na presente ventura nossa o numero das fortunas, porque exceedem a todas as prosperidades preteritas as que se auspicião à Mariana com o seu Principe sagrado. O certo he que delineou a mão de Astréa este apparatuso obsequio; e o braço da justiça não havia de mover diminutos applausos a hum dignissimo Prelado, a quem de justiça se devem completos todos os louvores.

Atrás desta enigmatica, e brilhadora cavalcata rodava sumptuoso, e rico o segundo carro triumphal, tão magnifico, e magestoso, como o animo de quem o apromptou. Era elle o remate de tão glorioso apparatus; não podia ter outro lugar para ser, como foi, a excelsa coroa de tão vistosa magnificencia. Neste, pois, throno portatil se via muito de assento
a ma-

a magestade da Igreja, a qual, para parecer cousa do Ceo, se já não era triunfante, hia triunfadora, e triunfando Igreja Mariana, por conseguir a venturosa companhia do seu novo, e amado Esposo espiritual. Ah! E quanto excedeo a todos os antigos este novissimo ovante triumpho! Naquelles era só hum o carro do triunfador, neste forão dous os carros triumphaes, para que em hum só se vissem muitos triumphos.

Competião-se os dous carros no primor do asseio, e no custoso da maquina; mas deixando indeciso o arbitrio para avaliar a maioria, ambos tem huma grande singularidade para ostentação deste jubilo, e vem a ser; que triunfando igualmente o Excellentissimo sagrado Principe, e a sua nova Igreja de Mariana, não são iguaes os emblemas do triumpho: o da Igreja he figura viva; o do Principe enigmatica. Parece que devia ser pelo contrario. O Principe havia de representar-se em figura viva, porque he vivente; a Igreja em hum, ou muitos emblemas, porque he hum corpo mystico, e não natural. Mas, oh! que não seriam adequadas as figuras para o intento, se a da Igreja Mariana não fosse viva, e a do seu Prin-

Príncipe sagrado emblematica. A figura da Igreja he viva , porque tem nova vida , e espera novos vitaes alentos da graça com tão illustre Príncipe , como he o seu novo , e Excellentissimo Prelado. A do Prelado he enigmatica ; porque a tão santo , e virtuoso Príncipe , como he o Senhor D. Fr. Manoel da Cruz , não póde haver , nem ha , quem o represente ao vivo.

Vive pois gloriosa , ò Mariana illustre : recebe os vivas no applauso dos teus , e na inveja dos estranhos. Parabem , parabem te seja , ò Cidade excelsa : seja-vos parabem , ò nobilissimos Cidadãos Marianos , pois no vosso eminente primeiro Prelado tendes quem faz a primeira das Cidades a nossa Mariana. Mas quem não dirá que he paradoxo o vaticinio de tanta ventura ? O Senhor D. Fr. Manoel da Cruz , ainda que he o primeiro Bispo de Mariana , com tudo na jerarquia de Prelado já he segundo , pois primeiro que de Mariana foi Bispo do Maranhão. Na ordem dos Bispados tambem o Maranhão foi primeira Sede do nosso Príncipe Ecclesiastico , e esta de Mariana he segunda. Pois se a Igreja , e o Prelado são segundos , como podem ser primeiros ? Por

R

isso

isso mesmo: são primeiros, porque são segundos.

Eu bem podia satisfazer à difficuldade deste fausto agouro, se dissesse, que o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel da Cruz, ainda que agora se acha em segundo lugar de Bispo, sempre tem o primeiro lugar entre os Prelados mais benemeritos, porque entre todos he primeiro sem segundo; e por isso mesmo, porque merece segundo Bis-pado, e Bis-pado, que he primeiro pela sua nova criação, e por não ser ainda occupado de outro Bispo depois da sua divisão, he segundo sem primeiro. Porém tenho melhor satisfação, que dar, senhores, à vossa critica; e digo, que por essa mesma razão, por que S. Excellencia Reverendissima occupa duas Cadeiras Pontificaes, he a segunda primeira, e mais nobre que a primeira; e fica em primeiro lugar, que todos, o seu preclarissimo Bispo. Toda esta felicidade tem a sua idea no primeiro Bispo, que conheceo o mundo Catholico.

Quiz eu averiguar quem foi o primeiro Principe da Igreja, que teve o nome de Bispo, e achei que foi o primeiro de todos, que he

he S. Pedro. Pedro instituiu Bispos a todos os Apostolos , depois que Christo lhe deo o poder das chaves ; mas ao receber as chaves , e o poder , foi Pedro creado , e ordenado Bispo pelo mesmo Christo. Assim o dizem Turrecremata , Bellarmino , e outros Authores Ecclesiasticos. Teve este primeiro Bispo duas Cadeiras , ou duas Igrejas , para mostrar que quem merece duas Sedes Episcopaes , he só quem se faz primeiro pelo merecimento entre todos os Bispos. A primeira Cadeira de Pedro foi Antioquia , e alli teve sete annos a sua Sede Pontificia , como affirma o Padre Ribadeneira ; a segunda foi Roma. Mas sendo Roma a segunda , se levantou com o Principado , e Primazia de toda a Igreja. Este he , ò Mariana , a tua sorte feliz ; para que sendo segunda esposa do teu Excellentissimo Bispo , te faças primeira com o teu inclyto primeiro Prelado. Primeiro foi S. Excellencia Reverendissima Bispo do Maranhão , e tambem teve naquelle Bispado a Cadeira Pontifical sete annos , como o Principe dos Apostolos em Antioquia. Sim , sete annos forão cabaes os do seu Pontificado na Diecese Marananiense ; pois sendo consagrado Bispo nos fins do anno de 1738. e par-

tindo de Lisboa a 27. de Abril do anno de 1739. a exercer os poderes Prelaticios no seu primeiro Bispado, ao qual chegou em 15. de Junho da ultima era referida, foi absoluto do vinculo espiritual daquella Igreja em 15. de Dezembro de 1745. dia, em que o Oraculo Vaticano lhe poz o *Fiat* na Bulla de Bispo Marianense. E vindo o teu Bispo depois de sete annos do governo Episcopal de outra Igreja a crear-te, ò Mariana, serás como Roma a segunda na creação; mas es na realidade a primeira pela primazia, e principado, como outra Roma.

Oh! Vive, e triunfa tão duravel nesta tua regalia, como te asseguraõ nos escudos do teu novo Pontifice os timbres da sua grandeza, que são verdadeiro prognostico, de que se elle não he immortal para amparar-te, vivirá (ao menos) os annos de Nestor para te felicitar. Que querem dizer no escudo bipartido das suas armas, em huma parte aquellas duas serpentes, merecido blasão dos Illustísimos Freires, e em outra as flores de Liz, insignias, que da antiga Real Casa de Borgonha tomou S. Bernardo, soberano Patriarca do nosso Excellentissimo Bispo? No avesso de
mul-

muitas medalhas dos antigos Emperadores (refere Pierio Valeriano) se via a effigie de huma Deosa , tendo na mão huma flor de Liz com este mote : *Esperança publica*. Esta se anima para toda a nossa felicidade no Senhor Dom Fr. Manoel da Cruz , a quem o grande Patriarca Bernardo deo as flores de Liz para empreza de tão bem fundada esperança ; mas a nossa esperança não murchará em flor , como as Lizes de Borgonha , porque lhe asseguração a perpetuidade as emblematicas serpentes no blão dos Freires.

Bem sei que não faltará quem diga , que para dar luz ao vaticinio de tantas venturas , seria a constellação Serpentario mais propria , que as serpentes effigiadas no escudo de S. Excellencia Reverendissima , porque em fim sempre influirão para os faustos successos do mundo os astros do Ceo , e não os reptis da terra ; porèm para o prognostico presente , que faço , he mais symbolica a serpente , que o Serpentario. O Serpentario , ainda que he hum monte de luzes , pois consta de setecentas e trinta e sete Estrellas , todas são da natureza de Saturno , e Venus , e por consequencia de nocivos influxos ; e astro tão maligno não póde fer-

servir ao horoscopo de hum Planeta , que todo he de influencias beneficas , como o nosso Excellentissimo, Sagrado Principe. No Joelho da mesma constellação no anno de 1604. appareceo huma nova Estrella , a qual , depois de luzir por espaço de dous annos , desappareceo ; e hum fulgor , que se desvanece , não pôde ser emblema para o lustre perpetuo de Mariana com o seu Preclarissimo , primeiro Prelado. As serpentes sim , porque tem algumas qualidades occultas para o feliz presagio da nossa (como indefectivel) expectação.

Serpentes ha tão domesticas , e trataveis em Africa , que vem às horas do jantar a comer o que lhes deitão debaixo da meza , e depois se vão sem fazer mal a ninguem , como diz Razilly ; e Bluteau affirma , que em Malta , Candia , Irlanda , e outras terras as serpentes não mordem , nem tem veneno. Destas são as serpentes , que formão o escudo de S. Excellencia Reverendissima , aquelle Principe urbano , tratavel , amoroso , suave , candido , sincero ; e tanto , que sendo huma pomba sem fel , tem nas serpentes o jeroglyfico da sua incomparavel prudencia ; pois para serem prudentes , e singelos , mandou o Divino Mes-

tre aos primeiros Bispos , que fossem serpentes , e pombas. Oh ! Logra eternamente de tanto bem , Mariana feliz. Mas fim lograrás , porque a serpente com a cauda na boca também fórma hum circulo , que he symbolo da eternidade , para fazer hum emblema da perpetuidade da tua fortuna com a assistencia do teu Principe Sagrado.

Por isso tu , Sagrada Mariana , suspiravas tanto pelo teu espirital Esposo o Senhor Dom Fr. Manoel da Cruz. Ainda o não conhecias , e já te custava suspiros a sua falta ; ainda o não tratavas , e já te devia lagrymas a sua memoria. Que chore Constantinopla o desterro do seu Chrysostomo , e a ausencia do seu Nazianzeno ? Que lamente Alexandria os trabalhos do seu Athanasio , e Cesaréa os incommodos do seu Basilio ? Vá embora ; porque em fim erão Prelados já conhecidos , como pais da pobreza , destruidores da culpa , edificadores da graça , exemplares da virtude. Porém tu , Mariana , que razão tinhas para chorar pelo teu Excellentissimo Pastor , a quem ainda não conhecias ? Mas , oh ! que a faudade de Mariana foi agoureira do bem , que esperava no Senhor D. Fr. Manoel da Cruz.

Baf-

Bastava-lhe saber o auspicioso nome do seu desejado Pontifice, para suspirar justamente por elle. Manoel quer dizer: *Deos commosco*; e como em Deos está todo o bem, e todo o bem vem de Deos, Deos nos deo todo o bem, e tudo bom com o Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Dom Fr. Manoel da Cruz, no qual temos hum espelho das virtudes, e das felicidades, que communicarão aos seus Bispos os Basilios, os Athanasios, os Nazianzenos, os Chrysostomos, e outros muitos Bispos Santos. Nem querem insinuar-te, ò Mariana, outro fim menos glorioso os acafos, com que o Ceo te certificou esta ventura.

A 10. de Agosto de 1747. te chegou à mão a primeira carta de S. Excellencia: naquelle dia fazia a Gentilidade Romana sacrificios a Ceres, Deosa da abundancia, como vaticinio da profusão de todos os bens, que Deos te havia de dar, e dá com effeito no Sagrado Principe, a quem sacrificavas a tua faudade. No mesmo dia triunfa a Igreja com a coroa, ou laurel de Lourenço, como prognostico de que outro Lourenço illustre te havia de fazer triunfante, pondo-te a coroa, e
o lau-

o lauro de Diecese , que talvez não faltava quem te quizesse tirar da cabeça.

Em 4. de Fevereiro deste anno te chegou a suspirada noticia , de que o teu amavel Pastor te buscava para te possuir , como a sua amada Espôsa : dedica a Igreja naquelle dia gloriosas memorias a Santo André Corsino , Bispo de Fesula , para te fazer lembrada de que mandava tomar posse de ti hum Bispo santo.

Viste em fim entrar o teu santo Bispo neste Palacio a 15. de Outubro. Não ha dia mais fatidico , que este para a tua fortuna. Ao dia 15. de Outubro chamarão fausto , e feliz Macrobio , e Bungio. Não o podias receber mais propriamente em outro dia , para se te imprimir hum caracter indelevel da tua ventura ; porque não ha bemaventurança , nem felicidade , como teres por teu Preclarissimo Bispo o Senhor D. Fr. Manoel da Cruz , que Deos guarde para teu amparo.

Ah ! Como estás ufana , ò Cidade triunfante , com tão nobres motivos do parabem , que nos dás , e te damos ! O lustre , que trajas , he final da alegria , que tens ; mas tens ainda mais lustre , do que inculca o teu victorioso traje. No carro do teu triumpho já eu te vi

vestida de gala , ostentando luzimento , e festa no vestido. Trajavas huma roupa branca, recamada de flores de ouro. Neste resplandecente metal mostravas o teu esplendor , na cor da seda o teu jubilo ; mas em tanta festa eu te retratára melhor no quadro do Ceo para demonstração da tua gloria.

Es aquella Matrona do Apocalypse , a quem fazem luzida os resplandores de todos os astros , como symbolo da boa Estrella , que tens com o teu Sagrado Principe. Doze Estrellas te formão a coroa ; não ha no Zodiaco mais Signos , em que se estampem as fortunas do mundo , nem no mundo ha mais fortuna , que esta , que tens , ò Mariana , no Excellen-tissimo Prelado , que te coroa de luminosas felicidades. Dos raios do Sol he a gala , que vestes , porque hum Sol benigno te faz clara , e preclara em todo o Orbe. Atè a Lua com fer astro defeituoso serve de throno à tua grandeza ; porque como exemplo das virtudes do teu amabilissimo Prelado , não haverá defeito , que não mettas debaixo dos pés. Oh ! Seja-te parabem tamanha felicidade , a qual , por mais que se retrate em luzes , não póde mostrar-se huma sombra de tua ventura.

Con-

Confesso que não sei dar vivas cores a esta lamina; mas se a pintura se realça nas sombras, vede, Senhores, na sombra de Mariana o realce da imagem das suas ditas. A sombra de Mariana he o Maranhão, no seu nome Latino, que he *Maranania*, está a Mariana com anagramma perfeito. Maranania com as letras transpostas quer dizer *A Mariana*. Sombra, ou typo da alegria de Mariana foi sempre o Maranhão, agora da luz de Mariana he a ella a Maranania humra triste, e escura sombra. A sombra segue ao corpo, que caminha, buscando a luz; à luz de Mariana se avizinhou S. Excellencia Reverendissima. A Maranania, como sombra, o seguia chorosa, porque neste Prelado se ausentava a luz dos seus olhos; e esta privação da luz bem sabem os Philosophos, que he o que se chama sombra.

E se assim he, Senhores, olhai como esta sombra está triste, quero dizer, olhai para o Maranhão. Olhai que a distancia não impede a potencia aos olhos da alma. Vedes já? Sim. Lá se divisá o Maranhão encerrado em humra alameda de funebres ciprestes, coroados de murtas, como usavão os Gregos nos seus epicédios, cantando saudades ao cadente som

de suas lagrymas , gemendo a pena , que lhe causa a ausencia do Excellentissimo , e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel da Cruz , para dar gloria a Mariana com a sua assistencia tão fausta , como desejada , este Principe.

Mas ao querer proseguir esta figura da tristissima , e faudosa Maranania , não sei que novo palmo me embarga os alentos. Suffoca-se a voz balbuciente na garganta : não acerto a pronuncia das palavras , tremulas nos labios : palpita o coração na sua esfera , e a acção não se anima vigorosa para continuar o parallelo da pena , e da gloria do Maranhão , e de Mariana. Que será este lethargo , em que me vejo ? Que ha de ser ? He profundo respeito , he medo reverente a hum superior Numen ; pois furibundo Apollos me manda callar , por não poder o indouto Geometra do meu discurso tomar a medida ao jubilo de Mariana , e à faudade do Maranhão , quando esta sublime materia he digno assumpto da nossa Academia.

Eu reconheço o meu arrojo , e já o sacrificio nas aras de Delfos à Deidade , que me reprehende : seja agora no silencio holocausto da obediencia o que foi temeridade do affecto no elogio. Cessão pois , para que a doçura do

do plectro Academico suavize o infulso desta prosa. Sim, ò Carmelitanas Camenas, ò Nereidas Marianenses, Sacras Musas deste novo Parnaço, descrevei em elegantes Poésias as glorias de Mariana com as penas, ou dores do Maranhão, em quanto eu em nome de toda esta feliz Diecese descanso à sombra daquela excelsa Arvore a Excellentissima Cruz, que ao nosso sempre Illustre, e Sacro Manoel dá o renome; aquella Arvore, (digo) de cujas altivas ramas pendem para saciar-se o nosso gosto, para sustentar-se a nossa fortuna, huns frutos tão doces, suaves, e sazonados, como da raiz de Bernardo brotão neste seu preclaro Ramo, e Filho; aquella Arvore, a quem depois de beijar a planta a sua nova Esposa, dobrando o joelho em final da mais reverente veneração, lhe escreve ao pé em huma tarja de ouro, como epitome do seu venturoso, e alegre epithalamio, esta letra, que cahio da boca a outra Esposa tão feliz, como ella: *Sub umbra illius, quem desideraveram, sedi, & fructus ejus dulcis gutturi meo.*

Disse.

In

*In laudem Reverendissimi, ac Sapientissimi
Præsidis.*

D E C I M A.

PRimum locum sapientiæ
Jure scandis occupatum,
Habeas eum principatum
Omnis penitus scientiæ:
Tuæ radiis prudentiæ
Phæbæas dantis delicias,
Quæ veras promunt divitias,
Impletur omnis recessus;
Quales, dic, erunt processus,
Si tales donas primitias?

Do Rev.^{do} Conego D.^{or} Francisco Xavier da Silva.

SONETO.

TU pluma , que elevada en alto buelo ,
Tu discrecion propone a los oidos ,
Cuya dulçura en écos esparcidos
De tu ingenio es authentico modelo.
Buele sublime hasta el Empyreo Cielo ,
Docta discurra en todos los sentidos ,
Cante sonora , aunque en agenos nidos
Subtil invente lo que admira el fuelo.
Pues que en Parnaso tienes domicilio
(Positiva lifonja del Dios Genio)
Admitte emulaciones de Virgilio.
No desprecies Terencio , ni Parthenio ,
De-le a Propercio , y a Menandro auxilio
Tu pluma , discrecion , dulçura , ingenio.

Do mesmo Reverendo Author.

SONETO JOCOSERIO.

E Ste louvor, por ultimo remate,
Vos faço, Doutor Andrade, em sonfonete,
Que houvera de ser feito em minuete,
Se pudéra esforçar-me de gáfnate.
E podeis entender, sem que me jacte,
Que sei repinicar nos Signos fete;
Mas não vos louvarei nunca em falsfete,
Porque he do peito meu fino o quilate.
E se houver todavia quem me escute,
Subirei com a voz em tal limite,
Onde voar não possa hum tagarote.
E para que este applauso se execute,
Nos doze Signos, sem que alguém mo quite,
Hum repique darei, e hum repicote.

Do mesmo Reverendo Author.

S O N E T O.

COn principio feliz dorada llave
 Los thesoros abrió de las sciencias:
 O' prodigio fatal en eloquencias,
 Y primor mäs subtil del arte suave!
 Tu lengua llave fué, que dulce, y grave
 De la mente soltó las affluencias,
 Donde se acquire vivas influencias
 Todo el docto Musêo, todo el conclave.
 Pero si en cortä esfera te contemplo,
 Quedando a nuestra fé nuestra memoria
 Arquetypo, y farol, norte, y exemplo.
 Despues te copiará con larga historia
 La fama heroica en su pomposo templo,
 Por milagro, y trofeo, por tymbre, y gloria.

Do Rev.^{do} Doutor José Filippe de Gusmão e Silva

S O N E T O.

A Quella , que al de Delfos fué tormento
Esquiva Nynfa , transformada en rama ,
Y usurpa el laurel de quien nõ ama ,
Y la corona os pone en esse assiento.
Aquella , que remonta al Firmamento
Inclytos Heroes , pregonera fama ,
Es la misma , que vuestro honor derrama ,
Vivo a la memoria , al olvido elento.
Eya eterno vivid , Andrade , solo ,
Aguila singular , que desde el suelo
La pluma remontais al quarto Polo.
Que nõ es mucho tan alto sea el buelo ,
Pues vuestras prendas dizem , sois Apolo ,
Que oy del Parnaso buela al quarto Cielo.

*De João Coelho Gato de Amorim , Capellão da
Cathedral de Mariana.*

FOI ASSUMPTO DA ACADEMIA

A pena , e saudade do Maranhão na ausência do Excellentissimo , e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel da Cruz , Bispo que foi daquella Diecese , he a gloria de Mariana na posse do mesmo Excellentissimo Senhor , seu primeiro dignissimo Bispo.

Ao assumpto fizeram-se as obras seguintes.

EPIGRAMMA.

Solvitur in querulos Tellus Maranonia fletus,
 Dum te Pastorem tristis abire videt. (plens,
 Flet, dolet, atque gemit singultibus æthera cõ-
 Pauperiem dives quòd tua dextra levet.
 Gaudet, & exultat, plaudit secùs Aurea Tellus,
 Dum videt ad munus te subiisse tuum.
 Quis, Pater, in toto, quis te felicior orbe,
 Te notum quando dextera sola facit?
 Ferrea nunc noscit Tellus Maranonia sæcla,
 Aurea nunc fatis Aurea terra videt.

De Antonio Dias Cordeiro.

EPIGRAMMA.

ANxia, quid teneros ducis, Maranonia, fle-
(tus?
Corde quid in tacito flebilis angor inest?
Quid, Mariana tuum pertentant gaudia pectus?
Quidve tuo splendor lætus in ore sedet?
Duplicis effectûs est una, viator, origo;
Fundit amor fletus, gaudia fundit amor.

Do Sochantre Floriano de Toledo e Piza.

A L I U D.

TRistia Romulidis Ayo Deus omina quon-
(dam
Dixerat, hinc illi plebs pia thura dabat.
Hoc Mariana colit, pariter Maranonia numen;
Quod sibi signa canit tristia, lata simul.
Convenit ambabus, si nomen scinditur Ayo,
Ominibus certis Ai, & Io resonans.
Ai sibi pro tanto sumit Maranonia casu,
Et Mariana hilari carmine cantat Io.

Do mesmo Author.

EPIGRAMMA.

Heu fuge, Dilectus, clamat Maranamus am-
Euge veni, Sponsus, cum Mariana canit.
Hæc risit flente illo, semper amore triumphas;
Ipse dolet, si exis, si petis, ipsa canit.

Do Rev.^{do} D.^{or} José Filippe de Gusmão e Silva.

ELEGIA.

Jam novus Auriferas Sol suspiratus ad oras
Illuxit tandem, lux nova jamque patet.
Optimus ecce petit dilectum Pastor ovile,
Emmanuel Præsul maximus ecce venit.
Jamque benignus adest. O semper terra beata!
Qua lauro exornat tanta corona caput!
Non jactet famosos Roma superba triumphos,
Antiqua at fileat gloria, fama, decus.
Urbs nova confurgit tanto sub Præsule maior:
Alta trophæa patent, gloria summa subit.
At mea Calliope jubet hinc describere plausus,
Illinc Melpomene scribere triste docet.
Huc festos resonare choros plausibile cerno,
Cum lachrymis illuc vox gemebunda sonat.

Sed

Sed quæ causa datur? Cur fors diversa repugnat?
Una dat effectus (credite) causa duos.
Præsidet hîc sacer, Urbe Marananiense relictâ,
Maximus Emmanuel, comprimit iste dolor.
Hîc venerandus adest Antistes: jure triumphat,
Extollitque ingens Urbs Mariana caput.
Nec mirum: Liam Urbs namque illa relictâ figu-
Rachel dilectam se Mariana facit. (rat,
Se Emmanuel Jacob: (Pastor quis amantior illo?)
Ergo quid fiet? Sors sua cuique venit.
Lugeat illa Marananiensis, at ista triumphet,
Sponsoque exultet condecorata novo.
Noster & Emmanuel tantum qui ostentat amoré,
Pro merito accipiat præmia digna sibi.
Rachel fungatur, felices vivat in annos,
Auspiciisque bonis semper ovile regat.
Sic Marianensis felix Ecclesia surget,
Sic nobis semper gloria, semper honos.

*De João Coelbo Gato de Amorim, Clerigo em me-
nores, Capellão da Cathedral de Mariana.*

SONETO DIACROSTICO.

D. O seu pranto nas ondas fu B mergido
 F. luctúa o Maranhão em tr I ste estado;
 M. anael pois o seu Bispo mai S amado
 A. usente em Mariana tem P erdido.
 N. os seus mesmos crystaes já c O nvertido
 O. tem na urna a dor D epositado:
 E. à saudade tributa em cru E l fado
 L. iquido argento e M perolas nascido.
 D. este pois lucto atroz a atr M emoria
 A. Mariana da gala t R az o agouro:
 C. roa as perlas lhe dão de alt I va gloria:
 R. utilo faz da prat A o throno de ouro;
 U. e na urna o obelisco à sua va N gloria
 N. enith do seu Prel A. do, e seu thesouro.

Do Reverendo Doutor Presidente.

S O N E T O.

SI quando nasce el Sol, la misma Aurora
 Llorá, y rie en un tiempo intercadente,
 Rie en el Cielo, parpado luciente,
 De aljofar paramo, en la tierra llora.
 No es mucho la Titanea brilladora
 En dos climas remotos se presente,
 En Mariana, riendo alegremente,
 En Maranon, llorando a cada hora.
 Manoel del Maranon Sol claro sale,
 Para Mariana sale con desvelo,
 Porque una Aurora entre ambos solo igual.
 Una llora sus penas sin consuelo,
 Otra cantando glorias sobrefale,
 Una Aurora en la tierra, otra en el Cielo.

Do mesmo Reverendo Author.

S O N E T O.

A Ncioso, triste, e afflicto se lamenta
 O Maranhão Diecese dilatada;
 A Mariana Diecese mais prezada
 Toda alegre, e festiva já se ostenta.
 De huma pois, oh que sorte assim violenta!
 Também doutra, oh que sorte desejada!
 Qual porèm a razão, se he procurada,
 He disso? Qual a causa, em que isso assenta?
 A causa he, se se observa attentamente,
 O Pastor, que a huma deixa mui faudosa,
 O Pastor, que à outra assiste mui contente.
 E assim huma infeliz, outra ditosa:
 Aquella em si demostra o mal, que sente;
 Esta pública em si o bem, que goza.

Do Rever.^{do} Conego Manoel de Pinho Cardido.

S O N E T O.

Maranhão, e Mariana são dous mares,
Que por mar cada hum delles principia:
Mariana mar de goſto, de alegria;
Maranhão mar de dores, de pezares.
De huma, e outra paixão, como exemplares,
Cada qual no ſeu nome traz a guia;
Elle a Mara paſſando, ella a Maria,
No amargor, na doçura ſingulares.
A inteireza do I figura he clara
Do inſigne Bago do Paſtor de Jetro,
Quando aſſiſte em Mariana, e deixa a Mara.
E ſem Bago, ou com elle ſoa o metro,
No Maranhão de pena Lyra amara,
Em Mariana de gloria doce plectro.

Do Rev.^{do} Conego Francisco Xavier da Silva.

S O N E T O.

INfausto Maranhão, feliz Mariana,
Da Ave Fenis emblema prodigioso,
Já no excesso da pena doloroso,
Já no realce da gloria soberana.
Se o teu Planeta a pyra te profana
Na ausencia do teu thalamo oloroso,
Se o teu Sol no teu berço luminoso
Os raios de ouro prodigo dimana.
Dilata a duração, renova a scena,
Eternizando amante na memoria
A magoa triste, a alegria amena.
Ave do Sol serás de nova historia,
Immortal no symbolico da pena,
Rediviva na lamina da gloria.

Do mesmo Reverendo Author.

SONETO.

Hum Agostinho excélso na sciencia,
 Hum Ambrosio no zelo, em que se apura,
 Hum Francisco de Sales na doçura,
 Lourenço Justiniano na prudencia.
 Hum Chrysostomo no aureo da eloquencia,
 Hum Nicoláo na profusão mais pura,
 Chrysologo no amor, e na ternura,
 E Thomaz da constancia na eminencia.
 Este espelho de Heroes, pasmo do mundo,
 He das Minas o Antistite primeiro,
 Nas virtudes, nas prendas sem segundo.
 Chore pois mudo o Maranhão ligeiro,
 E cante o Ribeirão sempre facundo,
 Quando hum perde, outro ganha este luzeiro.

Do Rev.^{do} D.^{or} José Filippe de Gusmão e Silva.

SONETO.

SEpulta-se no mar com mar de pranto
O Maranhão soberbo, agora pobre;
Transforma o Ribeirão do Carimo nobre
Em riso a espuma, o susurro em canto.
Hum, porque lhe faltou thesouro tanto,
Quer que o seu cabedal já se coçobre;
Outro, porque das ruinas se recobre,
Fenis dos rios resuscita em tanto.
Porèm se nos affectos extremos
Se virão sempre effeitos differentes,
Mudem de estylo os rios cuidadosos.
Cante o Maranhão gostos ausentes,
E chore o Ribeirão alegre os gozos,
Se hum dá, outro recebe à gloria as gentes.

Do mesmo Reverendo Author.

S O N E T O.

QUando a Arca feliz do Testamento
Do deserto chegou à Palestina,
A Omnipotencia se ostentou Divina
Em o mais singular novo portento.
Saltão os montes de contentamento,
Divide-se o Jordão com graça digna,
Retrocede huma parte, e sóbe fina,
Outra morre no mar com louco intento.
O mesmo affombro admiro decantado
Na jornada de hum Bispo, ao qual adora
Por arquivo de Deos da terra obrado.
Morre no mar o Maranhão, que chora,
Suspenso o Ribeirão sóbe elevado,
Saltão os montes das Minas nesta hora.

Do mesmo Reverendo Author.

Invocatoria a S. Excellencia Reverendissima.

SONETO.

Bispo primeiro, que em Carmelo Monte,
Qual Moysés, como Sol, no Sina ardente,
A Mitra cinge, como Presidente,
Cheia de raios na brilhante fronte.
Fazei que hoje meu verso se remonte
No louvor vosso tanto, que altamente,
Nunca passando as leis de reverente,
Por atrever-se a hum Sol morra Faetonte.
Para que vos respeitem as Monarquias
Do mundo tanto, que as estatuas nobres
Em trez montes colloquem vossas vias.
Pois sendo hum só, enchem as graças vossas,
Como Apollo, Moysés, e como Elias,
De luz, raios, e fogo, a trez carroças.

Invocatoria ao Sapiientissimo Presidente.

SONETO.

E Vós Vice de Apollo, excelfo Nume,
Deste coro de Musas Presul grave,
Inspirai em meu plectro hum som suave,
Com que harmonico chegue à quarta Cume.
Porque sem vós, meu verso, que presume
Subir à esfera da região mais grave,
Ao ir fazendo o voo será Ave,
A quem derreta a cera oitavo lume.
E se eu hei de morrer Icaro leve,
Por querer transcender as Musas nove,
Fazendo em voz tão grave obra tão breve;
He melhor implorar, quando ella sóbe,
Vosso auxilio, Senhor, pois quem se atreve
A subir sem Apollo, abraza Jove.

Ao assumpto.

S O N E T O.

SAhio de Mara o Bispo de Maria
Irmão, della buscando a fiel ventura;
Mas ficou Mara alli, mar de amargura,
Pois Maria vio fer mar de alegria.
De contente a Irmã saltava, e ria,
De Moysés na presente conjectura:
E Mara cada vez mais triste, e escura
Chora do Bispo a luz, que lhe fugia.
Porém Mara querendo haver victoria,
Da gloria de Maria em tal violencia,
Que lhe faz a saudade na memoria;
Lhe diz: O' Moysés sacro, alta Excellencia!
Em Maria he mui grande a sua gloria,
Mas mais amarga em Mara a vossa ausencia.

G L O S S A.

I.

Sahio do Maranhão o Bispo augusto
De Mariana a buscar Carmelo Templo;
Mas ao contallo a lingua tem tal fusto,
Que o dedo de Harpocrates lhe he exemplo.
Pois como se hum Moysés fosse vetusto
Tanto mysterio no extase contemplo,
Que balbuciente só dizer podia:
Sahio de Mara o Bispo de Maria.

II.

Mas que ardor me perturba? A voz, que espera,
Que a D. Manoel da Cruz já não pregoa?
Pois a Irmã de Moysés copia não era
Da Virgem, que Maria o nome soa?
Moysés de Christo imagem não he vera,
Manoel tambem a Christo não entoa?
Pois venha Manoel, da graça pura
Irmão, della buscando a fiel ventura.

III.

Maranhão, e já Mara não se chame,
Ou seja Maranhão, já Mara embora;
Pois quem perdeu tal Bispo, aguas derrame,
Assim como a Moysés Mara inda chora.
Quando Moysés lhe dava alto dictame,
Era Mara o penfil bello de Flora,
Retirou-se Moysés de sua cultura,
Mas ficou Mara alli mar de amargura.

IV.

Vio Mariana a Manoel, e fez Mariana
O que Maria a seu Irmão fizera:
Pegou na doce frauta, órgão de cana,
Sem que ouvidos Moysés faça de cera.
Nunca já tão risonha, e tão ufana
A Maria elle vio, como hoje era,
E creio que a Irmã muito amaria,
Pois Maria vio ser mar de alegria.

V.

Nunca cuidou Maria que escapasse
Seu charo Irmão às iras da impia gente,
Nunca já presumio que elle chegasse
A calcular triunfante a Lybia ardente.

E por isso era força que mostrasse
 O quanto estava já de o ver contente,
 Pois pelo ver passar tal travessia,
 De contente a Irmã saltava, e ria.

VI.

Muitos motivos teve a Soror bella
 Para cantar do Irmão a nova vinda,
 Assim como risonha o faz aquella,
 Que o Sol lauda, quando infante ainda.
 Entre muitos o gosto, que a desvela,
 He ver tem a jornada quasi finda,
 Pois não ha maior bem, maior ventura
 De Moyfés na presente conjectura.

VII.

E não só festejar o Irmão intenta
 Com ligeiros tripudios, bellas danças;
 Mas mais o applauso inda lhe accrescenta
 De mil choréas, destrás nas mudanças.
 Alli o que maior gosto lhe augmenta,
 He ver taes bens, depois de taes tardanças,
 De sorte, que Maria he gloria pura,
 E Mara cada vez mais triste, e escura.

De

VIII.

De fadade triste os olhos fontes
Contão chorando a causa de seus males,
Dando suspiros mesticos aos montes,
E defluentes lagrymas aos valles.
São sombras de tristezas os horizontes,
Que nuvens chorão já, de prantos callés;
Assim a triste Mara de hoje em dia
Chora do Bispo a luz, que lhe fugia.

IX.

Huma, e outra contendem, quaes primeiras
Devem sentir, gozar taes alegrias;
E rasgando dos olhos as bandeiras,
Dão de lagrymas ambas baterias.
Maria deixa as suas prizioneiras,
Pois lagrymas não quer, que amor faz frias,
E a entre ambas influe a pena, e gloria,
Porém Mara pertende haver victoria.

X.

E diz Maria pela parte sua,
(Pois tem de gostos já bellos ensaios)
Alegre nasce o Sol, e triste a Lua,
Porém no Sol só vejo chorar raios.

La-

Latona como triste sim fluctua,
 Porém não morre de fataes desmaios;
 Pois quem se atreve a tirar a essencia
 Da gloria de Maria em tal violencia?

XI.

Eu não choro, e mais morro de contente,
 Tu choras, e mais vives, terna amante:
 Morro, porque só alma o gosto sente;
 Vives, por quanto a dor passa inda adiante.
 Vê tu qual he mais fina, e mais urgente,
 Se Maria, a quem mata hum só instante,
 Ou se Mara, que póde co a victoria,
 Que lhe faz a saudade na memoria.

XII.

Queria Mara pela sua parte
 Expôr já de sua magoa a dor diffusa;
 Mas o destro clarim, trompa de Marte
 Toca a callar, a recolher a Musa.
 Mara sem modo já, tino, e sem arte,
 Aflobrada, medrosa, hirta, confusa,
 Querendo-a atalhar, co a impaciencia
 Lhe diz: O' Moyfés sacro, alta Excellencia!
 Vós,

XIII.

Vós, quando exponho o que amante sinto,
 Mandais gemer da tuba alto concento;
 Pois de minha saudade sois requinto,
 De meu prazo sereis alto instrumento.
 Maria só protesto, e só consinto
 Do que callo, que leve o vencimento,
 Pois neste dia por razão honoria
 Em Maria he mui grande a sua gloria.

XIV.

Porèm, Senhor, eu morro de soffrida,
 Seja já de Maria embora a palma:
 Vós podeis no dizer tirar-me a vida,
 Porèm não no sentir conter-me a alma.
 A obediencia seja a homicida,
 Que o desabafo meu sepulte em calma:
 Maria terá summa complacencia,
 Mas mais amarga em Mara he vossa ausencia.

Do Reverendo Padre Diogo Alvares da Silva.

CANTO HEROICO.

I.

CAtastrofe fatal do Sol luzido;
Já para o Sul fazendo o gyro eterno,
Hoje o Maranhão chora opprimido,
Pois nas sombras ficou do negro Averno.
Que o dia luminoso repetido
Perdeo em seu benefico governo,
Vendo mudada a gloria em triste pranto,
Da vista affombro, do cuidado espanto.

II.

Tem ao rigor das sombras vinculado
O da imaginação do bem perdido,
(Sempre o bem, que se perde imaginado,
Foi pena rigorosa do sentido.)
Na memoria o queixume duplicado
Lhe faz inda o tormento mais crecido,
Sendo-lhe o mal maior, a dor mais fera,
De que outrem logre o que infeliz perdêra.

III.

Pois vendo a Mariana clara, e bella
 Com tal Sol entre immensos resplandores,
 De que he menos que hum raio cada Estrella
 Dessas, que vestem luzes superiores.
 Quando da luz perdida se querella
 De huma ausencia cruel entre os horrores,
 O bem, que ha de gozar, lhe certifica,
 E com sentida voz assim se explica.

IV.

Acaba o bem no mal forte adversario,
 O mal no bem, porque he mudar forçoso:
 Variou para mim o ser contrario
 O tranquillo voltando a procelloso.
 Para ti, Mariana, o tempo vario
 No mesmo ser se fez mui venturoso;
 Pois sendo a gloria, e a pena transitoria,
 Minha pena te deo principio à gloria.

V.

Tua luz me atormenta esclarecida,
 E juntamente a minha escura sorte;
 Esta tyranna foi minha homicida,
 Aquella me ordenou o duro corte.

Y

Esse,

Esse, que logras, bem me tira a vida;
Este, que sinto, mal me ordena a morte,
Julgando em tanta dor, que me condena;
Ter o mesmo valor a gloria, e a pena.

VI.

Não permittio a eterna Providencia
Pudesse gozar mais de claridade;
Porque parar tal Sol era violencia
Contra os livres imperios da vontade.
Pois verás dessa luz, dessa influencia
Tanto bem, tanto amor, tanta bondade,
Fazendo, quando ao Carmo se remonte,
De immensas luzes elevado monte.

VII.

Já o Septentrião perde a Coroa,
Constellação, que triste o Arcturo segue;
Onde o Cysne celestial entoa,
Maior dita em morrer hoje consegue.
Sem troféos immortal fama pregoa,
Que a Perseo a victoria já se negue,
Pois o rico de Andromeda thesouro
Fecha o Boreal sem luz, sem chave d'ouro.

Por-

VIII.

Porque na parte Austral se vem distinctos
Com maior luz luzir a corpos tantos,
Differentes no ser, mas indistinctos,
Mais vizinhos ao Sol, mostrando encantos.
De immensos resplandores labyrinthos,
E raros Prometheos do mundo espantos,
Brilhando com fulgor tão verdadeiro
O governo do Sul esse Cruzeiro.

IX.

Tua esféra se ostenta alegre toda
De luzes refulgentes guarnecida,
Que tão Divino Sol, cercando-a em roda,
Gala será do Ceo, da terra vida.
Ao socego essa luz não se accomoda,
A gloria lhe provém de tanta lida;
Pois no Regio exercicio não descança,
O que mais dignamente o sceptro alcança.

X.

No Zodiaco circulo fulgente
Ostenta o Sol Real benignidade,
Mostrando aos Signos doze inteiramente
O imperio universal da claridade.

Pois deſſe melhor Sol o fogo ardente
A's almas luz dará com piedade,
Gyrando do Biſpado a eſtancia toda,
A quem com ſeus influxos accomoda.

XI.

No Ariete, no paſto de Zafiro,
Onde o Equinocio aſſombra, e luz reparte,
Quando coſtuma o Sol fazer ſeu gyro,
Ao bello dia as nuvens põe de parte.
Pois eſſe Sol porá ſempre em retiro
A nuvem da diſcordia em toda a parte,
Tanta na alta grandeza por abono,
Na paz edificar excelſo throno.

XII.

O Aries deixando o Tauro ſenhorea
Luzes moſtrando em abundante copia,
A quem o paſto dá bella Amalthea
Na ſuave, e florída cornucopia.
A culpa deſfazendo, que a alma enlea,
Tambem eſſe do Ceo mais bella copia
Fará com tantas luzes ſe apaſcente,
Quando em Divino paſto ſe alimente.

XIII.

Vibrando mais ardentes resplandores,
Quando busca a de Geminis morada,
No Ceo brilhante symbolo de amores
Faz a gemina luz de outra abraçada.
Aos subditos porá com seus ardores
Desse Pastor a luz mais sublimada,
Em hum composto tão recopilados,
Em unico Individuo vinculados.

XIV.

Mas entrando no Cancro o Sol efficio
Os augmentos das luzes desfazendo,
As violencias lhe soffre, que por vicio
Costuma caminhar retrocedendo.
Pois da inveja cruel contra o exercicio
Esse Sol claras luzes dispendendo,
Será nas perfeições inacessiveis,
Sobre imaginações, sobre impossiveis.

XV.

No Leão solícita o desaggravo
O augusto Luminar, que impera o dia;
Voraz o não consente fero, e bravo,
Quando em campo tambem o desafia.

No

No debil esse Sol não vinga o agravo,
Emprega na fereza a valentia,
Pois o perdão merece em Regio assento
Mais constante o humilde, que o violento.

XVI.

No alto folio de Astrea virgem bella
Faz que os bravos incendios não profiga
O Sol, movendo-o a candida Donzella
Do furioso ceder, que tanto obriga.
Esse brilhante Sol o casto anheia,
Que ardores sensuaes sempre mitiga;
Pois com virtude do benigno rogo
Transforma santo tão violento fogo.

XVII.

De Astrea, que o mais justo só cobiça,
O Sol retrocedeo para a Balança,
Attenta a que a igualdade he só justiça,
Igual imperio noite, e dia alcança.
Não permite esse Sol a injustiça;
Porque da rectidão não faz mudança,
Que bem o tem mostrado em toda a esfera,
O equilibrio ostentando, em que nascêra.

Dei-

XVIII.

Deixa de Libra a luminosa Praça,
 Seguindo aonde Escorpio predomina,
 Que a Ceres, e a Pomona despedaça,
 Sempre inclinado à fatal ruina.
 Quando aos perversos esse Sol abraça,
 O mal habituado ao bem se inclina;
 O que era contumaz por natureza,
 Mui brando o torna da cruel fereza.

XIX.

Vai o Sol procurando o tempo vario,
 Quasi propinquo à derradeira meta,
 Quando entra no Signo Sagittario,
 Que a esfera põe de luzes inquieta.
 Quem a Igreja perturba temerarios,
 Desse Sol da censura sente a setta;
 Porque ter compaixão da tyrannia
 He piedade cruel, clemencia impia.

XX.

Já Capricornio com velocidade
 Por montanhas de luzes dando saltos,
 Augmenta com soberba, e iniquidade
 Da estação congelada os sobrefaltos.

Pois

Pois a luz desse Sol na humildade
Aos soberbos porá de razão faltos,
Patenteando na vaidade acerba,
Que gera muitos males a soberba.

XXI.

Outra vez para o augmento caminhando
Pelo Signo de Aquario o Sol rodea,
Em pelagos o mundo naufragando,
Sem que turbe benigna a luz Febea.
Esse Sol tantas culpas devastando,
Que as almas mais naufraguem não recea,
Pois se verão com repetida fragua
Dos Sacramentos os diluvios de agua.

XXII.

No Circulo brilhante mais se emprega,
Quando seguir ao aureo Peixe trata,
Que ao liquido thesouro não se nega,
Fazendo o socegado mar de prata.
Sempre os corações esse Sol socega,
Nas lagrymas contritos os resgata,
Conhecendo por bem fundado emprego
Ser de todas as almas o socego.

Assim

XXIII.

Affim em cada Signo o Sol entrando
Raios mitiga, ou embravece ardores,
De todos por igual participando,
Ou das benignidades, ou rigores.
Esse Sol com os benignos se põe brando,
Com os crueis cruel arde em furores,
A todos repartindo as influencias,
Ou das serenidades, ou violencias.

XXIV.

Este he o bem, que eterno applauso acclama,
Quanto mais se consegue, mais se estima,
Hoje o teu coração a posse inflamma
Immortal premio, que ao desejo anima.
E se no conseguir tiveste a chamma,
O termo da esperança o bem sublima,
Que feliz possuidor amante fino
Só póde ser quem tem hum Sol Divino.

XXV.

Pois eu, que fui o throno tão luzido
Desse Sol no Zenith brilhando augusto,
O bem melhor direi como entendido
Do governo, que fez tão santo, e justo,

Z

No

No luzimento affombro esclarecido,
Sem que já mais tivesse eclypse injusto;
E de hum ser ineffavel, d'alma encanto,
Só quem o vio terá que dizer tanto.

XXVI.

Mas goza, ò Mariana, essa ventura
De encomios sempre digna mais que humanos,
Para o que levantei esta figura,
Que o fado occulta tinha em seus arcanos.
Retrato singular, imagem pura
Do Sol, que influxos dá tão soberanos.
Será esse immortal farol da Igreja,
Da idade suspensão, do mundo inveja.

XXVII.

Eu era grande mar nos seus altares,
Com quem os teus Athlantes não confrontes;
Porèm fiquei chorando os meus azares,
Quando esta forte fez, que sortes contes.
Eu nas sombras terei penas a mares,
Tu nas luzes terás glorias a montes,
Eu sempre serei mar na faudade,
Tu Colosso do Sol na eternidade.

De Gregorio dos Reis de Mello, Mestre da Capella da Cathedral de Mariana.

SILVA JOCOSERIA.

Differão-me outro dia, (mia
 Meus Senhores, que a nossa Acade-
 De hum assumpto agro-doce só confiste,
 Como *verbi gratia* a ausencia triste
 Do nosso Protector esclarecido
 Lá desse Maranhão sempre sentido,
 E a sua feliz chegada
 A esta leal Cidade celebrada.

Se o caso he verdadeiro,
 Botemos limonada no tinteiro,
 Que escrever alegrias, e tristezas;
 He guizar de agro-dulce as taes finezas.
 Estes claros, e escuros com effeito
 Entre lo verde, y roxo tem seu geito,
 No roxo pinto a ausencia,
 No verde da esperanza a excellencia.

Mas entre riso, e pranto
 Temperar estas gaitas temo, ò quanto!
 Só se fizer compasso a bella Aurora,
 Que quando nos Ceos ri, nos campos chora.
 Em fim na Cantimplona deste empenho
 Mil finezas direi por desempenho;

Com tudo irei servindo,
Por hum olho chorando, e outro rindo.

E para mais ajuda
Duas Musas invoco, huma fezuda,
Que nunca do seu pranto mais affroxe,
Outra, que sempre ri a troxe moxe.
Esta será Thalia dançadeira,
A outra Euterpe triste, e carpideira;
Ou chamo os dous Barbados,
Sempre em rir, e chorar tão decantados.

Mas vá fora de graça, (ça;
No assumpto hei de fallar, por mais que fa-
Isto não tem remedio, eu bem queria
Ir-me esgueirando agora da folia. (nhas,
Não cuidem que isto em mim são caramu-
Roí no espaço imaginario as unhas,
E gastei de tabaco
Mais de hum jacá, ou mais de hum sacco.

O caso contarei:
Valha sem sello a historia a toda a lei.
Sentado em hum tripó
A's margens de hum bofete estava eu ló;
Era tempo, em que Apollo no Nadir

Can-

Candeas às avéssas quer luzir,
Quando eis que hum velhacão
Fez-me c'um papirote ir logo ao chão.

Este velho cançado

Todo o vivente tinha então prostrado;
Morfêo lhe chama o Cavallino tonô,
Mas em bom Portuguez chama-se sono.
De repente me vi em outra esfera,
Onde tudo de véras he quimera.
Oução o Apocalypse,
Perdoem, se disser muita tolice.

Na raiz de hum oiteiro,

Que visagens ao mar faz sobranceiro,
E as ondas empoladas, e escumando,
Mordem-lhe o pé, e aréas vão tragando.
Recoitado estava eu na fresca relva,
Que serve de tapiz à verde selva,
Quando eis que a vista pasma,
Salvo tal lugar, he huma fantasma.

Hum gigante tremendo,

E mais tremendo eu só de o estar vendo,
Cara de Carijó, na cor adusto;
Mas eu não lhe perdoo tão grande susto.

Cof-

Costas largas, hum forte Briarêo,
Porque mais de cem braços tem de seu,
De espadanas coroados,
Barbas de junco, se de musgo ornado.

Senta-se mui trombudo,
E cabeceando muitas vezes mudo,
Com hum suspiro fez recuar os mares,
Abrir a boca a terra para os ares.
De medo recolherão-se as Estrellas,
E assustando-se o Sol chega às janellas:
Trovão de qualidade,
Que deo diluvios de agua na verdade.

Pois foi tal o seu pranto,
Que fez crescer o mar hum tanto, ou quanto,
Dos olhos sahem dous rios caudalosos,
E mil fontes em suores copiosos.
Mas ao fogo voraz das suas maguas
Não podem dar alivio tantas aguas;
Donde, se bem suspeito,
Ainda he maior a causa, que o effeito.

Quiz eu medroso então
Perguntar dos extremos a razão;
Mas vejo lá descendo pelo ar

Hum

Hum moço tão gentil, que isso he pasmar.
 A ser mais pequenino hum nada, hum til,
 Seria o Deos do amor com graças mil;
 O pelo de ouro tem,
 Que sobre hombros de prata cahe-lhe bem

A bom tempo chegou,
 Pois as furias ao velho lhe quebrou,
 Que nos termos o vi de se enforcai,
 Ou ao menos de se ir lançar ao mar.
 Como tão boa companhia achei,
 Cobrei animo logo, e me cheguei,
 E do moço inquiri,
 Quem era, e a que vinha então alli.

Respondeo magestoso:
 Sou das Minas o rio mais ditoso;
 Pois além de encubrir arêas de ouro,
 Possuo agora o mais rico thesouro,
 Que ao velho, que vês alli chorando,
 Se tirou por decreto venerando;
 Razão por que aqui venho
 A consolallo agora com empenho.

Cahi então na historia,
 E vi logo por cousa bem notoria,

Que

Que o velho era o Maranhão sentido
Na ausencia de hum Prelado o mais querido.
E o moço o Ribeirão, que em gloria ufana
Lava os pés à Cidade Mariana;
Fiquei então irado
Para comer o velho de hum bocado.

Vou-me a elle com ira,
E grito-lhe: Que tem? De que suspira?
Ora não tem vergonha, tamanhão?
Chorando como criança hum barbadão?
Olhe o ranhofo. Folgue, cante, e dance,
Ninguem lhe tira a gloria, vá, descance;
Pois deo às ricas Minas
Thefouro de riquezas as mais finas.

Abrío em fim os olhos
O velho, que a paixão lhe poz antolhos,
E eu tambem abrindo os meus, admiro,
Que sendo sonho a farça do retiro,
Andou o Deos Morfêo mui verdadeiro,
Pois se cumprio o assumpto todo inteiro,
Se co a Academia
Andão sonhando os Poetas noite, e dia.

Do Sancho Pansa de Apollo.

MO-

M O T E.

Hum homem d'além do mar,
Outro cà do nosso Ofir,
Velloz ambos competir,
Hum faz rir, outro chorar.

G L O S S A.

I.

Senhor, que enigma em espelho
Traz hoje aqui a Heraclito,
Pois melancolico, e afflicto
Vem chorando como velho?
E por mais que o aconselho,
Queira o pranto aliviar,
Jà mais o posso abrandar
Do tormento, em que se vê;
E perguntado diz que he
Hum homem d'além do mar.

II.

Outro ha, que não descança
De rir, Democrito he o nome;
Ou se alivie, ou se affome,
Sempre ri, como criança.
Indo a dizer-lhe o que alcança,
Quem o chega a advertir,
Sempre está firme a bom rir;

Aa

E

E perguntado tambem
Quem he, diz: Eu sou d'aquém,
Outro cá do nosso Ofir.

III.

De sorte, que ambos estão
Chorando, e rindó à porfia,
De Mariana a alegria,
E pena do Maranhão.
Hum diz, que he justa razão
Ao nosso Bispo applaudir;
Outro, que custa a sentir
De Maranhão se ausentar;
E he gosto a rir, e a chorar
Velloz ambos competir.

IV.

Mas com que mais desadora
Heraclito, he que o farol
De Manoel dê riso ao Sol,
Lagrymas à sua aurora.
Esta pena, está ansia agora,
Com que hum está a gozar,
Outro a sentir, e a penar,
He o verdadeiro assumpto;
Que a ambos n'hum tempo junto
Hum faz rir, outro chorar.
Do Reverendo Padre Diogo Alvares da Silva.

O M E S M O M O T E.

Hum homem d'além do mar,
 Outro cà do nosso Ofir,
 Hum sempre está posto a rir,
 O outro sempre a chorar.

G L O S S A.

D I.
 Dous varios de condição
 Entre si andão rem, rem,
 Hum cara de inverno tem,
 Outro cara de verão:
 Hum quer prégar a Paixão,
 Outro a Pascoa quer prégar.
 Mas quem poderá casar
 Dous genios de tal feitio?
 Hum homem d'aquém do rio,
 Hum homem d'além do mar.

II.
 D'aquém, e d'além deviso
 Estarem ambos oppostos;
 Mas olhar-lhes para os rostros
 Isso he lastima, isso he riso;
 E se por força he preciso,
 Onde morão, referir,
 Direi nisso o meu sentir,
 Sem que à mão alguém me vá:

Hum he de junto ao Pará,
Outro cà do nosso Ofir.

III.

Ri-se hum do que o outro chora;
Mas são cousas desta vida,
Que a luz, que hum chora perdida,
O outro consegue agora.
Zombe da fragata embora
Quem assim sabe luzir,
E quem só cuida em carpir:
Vá-se já daqui gurrando,
Pois não faz bom papel, quando
Hum sempre está posto a rir.

IV.

Na marinha sem maranha
O Maranhão chora ausente,
Mas cà de riba contente
Canta o Ribeirão sem manha.
Se a differença he tamanha,
Ninguem se deve admirar
De tal esturdia encontrar:
Teimem por final sentença
Hum a rir, pois tem licença,
O outro sempre a chorar.

Do Sancho Pansa de Apollo.

FIM DA ACADEMIA.